

PADRÕES DE USO COM “BATER + X”: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL

Iolanda Ferreira dos Santos¹

Gessilene Silveira Kanthack²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma análise de padrões de uso instanciados pela construção “Bater + X”, tendo como *corpus* uma amostra constituída de *tweets*, publicações feitas na rede social *Twitter*, evidenciando, assim, o uso efetivo do português brasileiro contemporâneo. São exemplos da amostra: “bater cabeça”, “bater boca”, “bater papo”, “bater uma *bad*”, “bater um fut”, “bater no paredão”, “bater 1K”. Para explicar os padrões, utilizamos como aporte teórico a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2016 [2010], TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]), em especial, a noção de construção como um pareamento de forma e sentido e as propriedades usadas para dimensionar as construções. Por meio de uma metodologia quali-quantitativa (CUNHA LACERDA, 2016), constatamos: (i) o verbo “bater” adquire sentidos diversos a partir da relação contraída com os itens que ocorrem no *slot* de “X”; (ii) a construção se diferencia quanto às propriedades de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade. Com a análise promovida, esperamos contribuir para a ampliação dos estudos de descrição do português brasileiro contemporâneo, em particular aqueles que contemplam padrões que são fixados e regularizados em práticas de uso efetivo da língua.

Palavras-Chave: Verbo *bater*. *Tweets*. Padrões construcionais. Gramática de Construções.

USAGE PATTERNS WITH “BATER + X”: A CONSTRUCTIONAL ANALYSIS

ABSTRACT: The aim of this paper is to present an analysis of usage patterns instantiated by the construction “Bater + X”, having as corpus a sample consisting of tweets, publications made on the social network Twitter, thus evidencing the effective use of contemporary Brazilian Portuguese. Examples of the sample are: “bater cabeça”, “bater boca”, “bater papo”, “bater uma *bad*”, “bater um fut”, “bater no paredão”, “bater 1K”. In order to explain the patterns, we based our analysis on the principles of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2016 [2010], TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]), in particular, the notion of construction as a pairing of form and meaning and the properties used for scaling the constructions. Through a quantitative method (CUNHA LACERDA, 2016), we identified: (i) the verb “bater” acquires multiple meanings according to the contracted relation with the items which occur on the “X” *slot*; (ii) the construction differ in terms of schematicity, compositionality, and productivity. With this analysis, we

¹ Mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus-BA. E-mail: iolandaferreiradosantos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3545-4857>.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Profa. Titular (Pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA. E-mail: gskanthack@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1352-436X>.

hope to contribute to the expansion of studies on the description of contemporary Brazilian Portuguese, especially with respect to fixed patterns which are regularized in effective language usage.

Keywords: Verb *bater*. *Tweets*. Construction patterns. Construction Grammar.

Introdução

No intuito de demonstrar a dinamicidade e a regularidade de padrões de experiência rotinizados no português brasileiro contemporâneo, elegemos, como objeto de investigação, a construção “Bater + X”. Em uma sondagem inicial do *corpus*, verificamos que ela era utilizada em situações contextuais diversas, com sentidos que poderiam ser compreendidos com base na ideia de construção, pareamento de forma e sentido, conforme preconizado pela Gramática de Construções.

Nessa primeira investigação, notamos que, por um lado, alguns usos da construção evidenciavam padrões que já são cristalizados na língua, como mostram os construtos “a” e “b”; por outro, padrões menos regularizados, conforme ilustram “c” e “d”:

- a) Tudo que vá me estressar eu tô cortando, evitando “bater cabeça”. (Twitter, 2021).
- b) Enquanto Manaus morre com a falta de oxigênio, os políticos resolvem “bater boca” no twitter. Isso é Manaus! (Twitter, 2021).
- c) eu fico triste toda vez que vou me informar sobre as notícias do nosso país, ver que ainda nem estamos no pior momento do Covid, projeções de especialistas e médicos é de que o Brasil vai “bater 2,3 mil mortes” por dia. (Twitter, 2021).
- d) Minha mãe tá tão boba que hoje ela já foi com a minha cunhada “bater a ultra”.(Twitter, 2021).

Como se pode notar, em (a), o falante emite a opinião de que está evitando “bater cabeça”, ou seja, procurando não se “estressar” ou “brigar” por qualquer coisa. Em (b), “bater boca” se refere a uma crítica aos políticos que, em lugar de resolverem um determinado problema, ficam “brigando/discutindo” sem, de fato, tomar as providências necessárias. Em (c), com “bater 2,3 mil mortes”, o usuário da língua ressalta a previsão dos especialistas

quanto ao aumento dos casos de covid no Brasil. Por fim, em (d), “bater a ultra” indica o ato de fazer exame de ultrassonografia.

Para compreender esses sentidos, a noção de pareamento (CROFT, 2001) foi realmente necessária, pois o verbo “bater” integra, com os elementos imediatamente pospostos, uma unidade de forma e sentido. Considerando a regularidade de tal comportamento, objetivamos, neste artigo, apresentar uma análise dos padrões de uso instanciados pela construção “Bater + X”³, no intuito de explicar como ela se caracteriza em termos de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]).

Para tanto, utilizamos como *corpus* uma amostra constituída de *tweets*, micromensagens em que as pessoas são convidadas, na rede social *Twitter*, a responderem à pergunta: “o que você está fazendo?” Optamos por *tweets* escritos, especificamente aqueles que correspondem a comentários pessoais, a partir dos quais os falantes discutem sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano e emitem opiniões sobre si mesmo ou sobre assuntos diversificados. Realizamos a coleta de dados na primeira semana do mês de março de 2021, utilizando a caixa de busca disponibilizada na parte superior da página inicial do *Twitter*.

Para o desenvolvimento da análise, adotamos o método misto, aquele que mescla as abordagens qualitativa e quantitativa (CUNHA LACERDA, 2016). Na análise qualitativa, procuramos caracterizar as propriedades que envolvem a construção; na quantitativa, realizamos o levantamento dos padrões, considerando, para tanto, as frequências *type* (tipos de padrões instanciados) e *token* (quantidade registrada de cada padrão).

Para fins práticos, organizamos o artigo assim: na primeira seção, discorreremos acerca dos pressupostos que nortearam o estudo; na segunda, apresentamos as análises promovidas. Por fim, encerramos o artigo com as considerações finais e as referências.

³ Os padrões aqui analisados fazem parte de um *corpus* descrito na dissertação “Padrões construcionais com o verbo *bater*: um estudo centrado no uso”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e representações na Universidade Estadual de Santa-Cruz-UESC, Ilhéus-Ba, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Gramática de Construções: noções basilares

Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 25), Gramática de Construções corresponde a um modelo teórico fundamentado na ideia de que “a língua é conceitualizada como sendo constituída de pareamentos de forma-sentido, ou ‘construções’ organizadas em rede”. Construção, a propósito, se caracteriza por uma forte ligação entre forma e sentido, a qual Croft (2001) denomina elo de correspondência simbólica, fortalecendo, assim, a ideia de que uma construção só pode ser compreendida tendo por base uma análise holística, ou seja, levando em conta tanto a dimensão da forma quanto a dimensão do sentido.

Compreendida como uma rede de construções, a língua, nessa perspectiva, instancia diferentes padrões linguísticos que podem ser dimensionados, em termos de semelhanças e diferenças, por meio de três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade, que, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), se caracterizam por gradiência, permitindo assumir que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, mais ou menos composicionais, mais ou menos produtivas.

A esquematicidade é “uma propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 44). Para explicar os graus dessa propriedade, esses autores propõem três níveis: esquema (nível mais abstrato e mais geral, onde encontramos as construções mais genéricas da rede), subesquema (menos abstrato, mas ainda esquemático, que compreende construções específicas que apresentam propriedades similares) e microconstrução (tipos individuais de construção)⁴.

A composicionalidade corresponde ao grau de transparência entre forma e sentido. É uma propriedade pensada em termos de convergência ou não-convergência (*match* ou *mismatch*) entre o significado dos elementos individuais da construção e o sentido do todo. Assim, quando uma construção é semanticamente composicional (convergente), será possível compreender o sentido do todo a partir de cada item individual; quando é menos composicional (não convergente), “não haverá compatibilidade entre o significado de

⁴ Os nomes dados aos níveis correspondem a uma atualização do que encontramos em Traugott (2008): *macroconstrução*, *mesoconstrução* e *microconstrução*.

elementos individuais e o significado do todo” (TRAUGOTT; TROUSDALE (2021 [2013], p. 53).

A produtividade está ligada, principalmente, à frequência com que determinadas construções são acionadas na rede da língua. Para explicá-la, Bybee (2003) propõe dois tipos de frequências, a *type* e a *token*. A primeira corresponde aos tipos de expressões que uma dada construção permite, e a segunda se relaciona à quantidade com que essa construção ocorre no uso. Quanto maior a produtividade, seja no nível *token*, seja no nível *type*, maior é a probabilidade de uma construção se rotinizar/cristalizar na língua.

A respeito da frequência de uso, trata-se de um fator essencial para verificarmos, por exemplo, a rotinização e a abrangência de uma dada construção. Traugott e Trousdale explicam que o “aumento de frequência de uso corresponde a aumento na frequência do construto: os falantes usam, cada vez mais, instâncias da nova construção” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 51), o que contribui para a rotinização e a convencionalização dos usos por parte do falante.

“Bater + X”: amostra e análise

A esquematicidade, propriedade que envolve abstração, nos permite dizer se uma construção é ou não mais abstrata. Para tanto, é necessário observar se ela é totalmente não especificada, mais aberta; parcialmente especificada; ou totalmente especificada, mais fechada. No caso da construção que analisamos, assumimos que ela é parcialmente especificada, pois o verbo da construção é sempre o mesmo: *bater*. Assim, postulamos que o esquema instanciador é “Bater + X”, sendo X o *slot* que será preenchido por itens que ora se apresentam de modo mais aberto, ora de modo mais fechado. Esse comportamento está relacionado com o nível de integridade das subpartes da construção. No caso, quando uma construção for mais composicional, será possível apreender o sentido do todo com base na análise de cada subparte; quando for menos composicional, não haverá compatibilidade entre o sentido veiculado por cada item e o sentido do todo estabelecido.

Apresentamos, a seguir, casos da construção menos esquemática, aquela que se mostra mais fechada, portanto, menos composicional:

- 1) Pra mim se tornou tão desgastante “bater boca” com as pessoas, deixo quebrarem a cara. (Twitter, 2021).
- 2) muita gente se afastando pela nova pessoa que eu estou me tornando. Mudei msm, cansei de “bater cabeça” com pouca coisa. (Twitter, 2021).
- 3) ai que saudade de “bater perna” na rua, ir à feira, comer pastel com caldo de cana, passear em museus, lagartear na grama embaixo de uma árvore, essas coisas da vida assim, sabe. (Twitter, 2021).
- 4) Surto do dia confinada a exatamente 7 dias e eu n aguento mais! Alguém vem senta na escada e “bater papo” comigo pfv. (Twitter, 2021).

Em todos os casos, os sentidos veiculados só podem ser compreendidos se levarmos em consideração a unidade destacada. Em (1), “bater boca” corresponde ao ato de “discutir” com alguém. Na ocorrência, a construção é usada para expressar a insatisfação do falante ao ter que discutir sobre certas coisas com algumas pessoas. Em (2), “bater cabeça” é usada para expressar um determinado sentimento, o de que o usuário da língua não se “estressará” com o afastamento das pessoas. Em (3), “bater perna” expressa a vontade que o falante tem de voltar a realizar algumas atividades, como a de “andar, passear” na rua. Em (4), “bater papo” equivale a “conversar”, no caso, o falante diz que não aguenta mais a situação de estar confinado, de não poder sair, por isso, sente necessidade de conversar com alguém.

Com base na frequência de uso, notamos que na construção menos esquemática a regularidade do sintagma nominal, que ocupa o *slot* de “X”, é ocorrer sem a presença de determinante, como vemos em (1-4). No entanto, registramos duas situações que interrompem esse padrão:

- 5) inclusive tenho o dom de só “bater o olho” em coisa absurdamente cara. (Twitter, 2021).
- 6) Eu não quero morrer, mas à essa altura nem ligo mais, acho que se pegar covid ou qualquer coisa e “bater as botas” será livramento até. (Twitter, 2021).

Percebemos que o determinante (*o* em 5 e *as* em 6) faz parte do sintagma nominal, não interferindo significativamente na unidade formada: “bater o olho” e “bater as botas” significam, respectivamente, “olhar/enxergar” e “morrer”.

A fim de ilustrar casos da construção mais esquemática, a que se apresenta de forma menos fechada, portanto, mais composicional, apresentamos (7), (8) (9) e (10):

7) dia gostoso pra ver um filminho, escutar música, ler um livro, “bater um bolo” ... eu vou fazer oq? Isso mesmo, estudar anatomia. (Twitter, 2021).

8) Já arrumei a casa toda, agora só esperar minha vó acabar de “bater as roupas” dela, pra mim lavar as minhas. (Twitter, 2021).

9) Às vezes é bom estar solteiro. Errei a palavra, na vdd é preciso estar "só" dps de um término de relacionamento em alguns momentos, é necessário dar um tempo para si mesmo... E sempre vou “bater nessa tecla”. (Twitter, 2021).

10) é “bater na cama” e o sono vim com tudo. (Twitter, 2021).

Nessas ocorrências, as subpartes da construção nos fornecem pistas para compreender o sentido que o falante deseja veicular: “preparar um bolo” (7), “lavar as roupas” (8), “repetir algo” (9) e “deitar na cama” (10). Notamos, nesses casos, que a construção demonstra mais transparência entre forma e sentido, dado que o falante produz uma sequência sintaticamente convencional que nos possibilita decodificar o sentido do todo com base no significado de cada item individual da construção. Conforme Bybee (2016 [2010]), esse tipo de construção apresenta um maior grau de previsibilidade semântica; em outras palavras, o seu sentido é previsível a partir das suas subpartes.

Diferentemente da construção menos composicional, que registramos apenas duas situações em que o sintagma nominal é precedido por determinante (como vimos em 5 e 6), na construção mais composicional verificamos que esse comportamento é mais recorrente. Os construtos, a seguir, ilustram isso:

11) Hoje foi o dia de “bater aquela bad” e desilusão com a situação do país onde a infecção e morte por COVID só aumenta, a economia está uma bosta, o kg do alimento está a hora da morte e o preço da gasolina tá 5,50 (Twitter, 2021).

12) consegui “bater meu recorde” e quebrar meu anel com 3 dias. (Twitter, 2021).

13) Boa semana galera. Vamos em busca dos objetivos. Estou chegando na marca dos 700 seguidores, pretendo criar conteúdo para “bater essa meta”.(Twitter, 2021).

14) Hoje o dia está propicio para “bater dois pratos” no almoço. (Twitter, 2021).

15) fê meu mano sdd do mano vamo “bater uma bola” amanhã ent fml. (Twitter, 2021).

A presença dos determinantes antes do sintagma nominal (*aquela* em 11, *meu* em 12, *essa* em 13, *dois* em 14 e *uma* em 15) indica uma menor integridade das subpartes da construção, já que é possível apreender o sentido tendo por base cada uma delas. Em (11), *bater aquela bad* significa ficar triste e deprimido com as situações vividas no país; em (12), *bater meu recorde* equivale a “conseguir ultrapassar uma marca” estabelecida; em (13), *bater essa meta* indica o desejo do falante em “atingir” um determinado número de seguidores em sua rede social; em (14), “bater dois pratos” revela a vontade do falante de comer naquele dia específico; em (15), “bater uma bola” equivale a “jogar bola”.

Considerando os construtos analisados, podemos dizer que as diferenças na organização interna da construção indicam variação no seu grau de estabilidade. À luz da teoria que adotamos, assumimos que, quando mais fechada, a construção corresponde a um *chunk*, sequência de elementos que frequentemente ocorrem juntos (BYBEE 2016 [2010]). Já em relação à construção menos fechada, apesar de revelar certa idiosincrasia, em comparação à mais fechada, parece apresentar um menor grau de entrenchamento de suas subpartes.

A outra propriedade que consideramos em nossa análise é a produtividade, que, conforme Bybee (2016 [2010]), está relacionada com as frequências *token* e *type* de uma determinada construção. No *corpus* analisado, registramos um total de 352 *tokens* e um total de 121 *types*, evidenciando, assim, a criatividade do falante em usar o padrão “Bater + X”.

Para demonstrar a produtividade, damos destaque, neste artigo, a alguns dos padrões mais recorrentes. Vejamos isso no Quadro 1:

Quadro 1: Padrões mais recorrentes com o verbo “bater”.

<i>TYPE</i>	<i>TOKEN</i>
1. Bater cabeça	38
2. Bater papo	14
3. Bater perna	10
4. Bater boca	8

Fonte: Elaboração própria.

Das microconstruções levantadas, chamou a atenção a frequência *token* de “bater cabeça”, o que nos possibilita dizer que esse padrão tem seu uso mais rotinizado/convencionalizado, atestando o pressuposto de que, quanto mais os falantes usam instâncias de uma construção e as repetem, mais convencionalizadas elas se tornam na língua. Isso se confirma pelos outros usos em que “bater cabeça” ocorreu, como se pode ver no Quadro 2:

Quadro 2: Outros padrões instanciados por “bater cabeça”.

<i>TYPE</i>	<i>TOKEN</i>
1. Bater a cabeça	3
2. Bater a cabeça na parede	3
3. Bater minha cabeça na parede	3
4. Bater minha cabeça	1

Fonte: Elaboração própria.

Computando os *tokens* do Quadro 2 aos 38 *tokens* de “bater cabeça” do Quadro 1, temos um total de 48 *tokens* em que o sintagma nominal “cabeça” forma unidade com o verbo “bater”. Apesar da presença de itens como artigo (*a*), pronome (*minha*) e locução adverbial (*na parede*), o sentido que a construção veicula só pode ser depreendido se considerarmos, de forma integrada, a unidade estabelecida. Vejamos os construtos:

16) Tô correndo de “bater a cabeça”, se você me falar que 7+7 é 10, você tá certo e

eu em paz! (Twitter, 2021).

17) voltei a “bater minha cabeça” cm coisa pequena q odio pq eu sou assim. (Twitter, 2021).

18) taehyung rebolando e a voz rouca do jimin... eu vou “bater a cabeça na parede”. (Twitter, 2021).

19) Cara pq eu sou tão lerda veii, foi a mesma coisa no Enem, perdi 5 questões porque simplesmente marquei errado e SO VI DEPOIS EU VOU “BATER MINHA CABECA NA PAREDE”. (Twitter, 2021).

Em todas essas situações, os usuários da língua recorrem à construção para expressar um determinado sentimento: estresse/preocupação, irritação ou empolgação. Em (16), a construção indica que o falante não se estressará/preocupará com determinadas atitudes. Em (17), a ideia veiculada é que o falante voltou a se estressar/preocupar com coisa sem importância e que tem ódio por isso. Em (18), “bater a cabeça na parede” é usada para demonstrar um estado de espírito, no caso, empolgação/animação do falante provocado pelo fato de os cantores Taehyung e Jimin estarem rebolando e cantando com a voz rouca. Também, em (19), temos um estado de espírito sendo expresso por “bater minha cabeça na parede”, pois, com a expressão, o indivíduo relata como está se sentindo por errar as questões na prova do Enem. Notamos que a adição do elemento linguístico “na parede” parece intensificar o estado de sofrimento/irritação ou empolgação do falante.

Assim como “bater cabeça”, “bater papo” foi outro padrão que, em sua configuração, apresentou outros itens linguísticos, como se pode notar no Quadro 3:

Quadro 3: Outros padrões instanciados por “bater papo”.

<i>TYPE</i>	<i>TOKEN</i>
1. Bater um papo	10
2. Bater um bom papo	1
3. Bater um papinho	1
4. Bater uns papo	1
5. Bater papo cabeça	1

Fonte: Elaboração própria.

Vejam os construtos:

20) Queria ter um grupo de amigas pra “bater um papo”, aquelas amizade de verdade sem nenhuma fala mal da outra,mas hj em dia n existe amizade assim. (Twitter, 2021).

21) Saudade de sentar cm as meninas, “bater um bom papo” e tomar um gelo. (Twitter, 2021).

22) tão bacana né eu acordo cedo todos os dias para “bater um papinho” e desejar bom dia, depois volto a dormir. (Twitter, 2021).

23) kkkkkkkk “bater papo cabeça” c o maia é top pq cada vez mais eu desvendo ele pela minha habilidade de observar. (Twitter, 2021).

24) Qualquer pessoa que tiver meu whats ai, me liga só pra “bater uns papo” aleatório EU NECESSITO DE UMA INTERAÇÃO POR VOZ. (Twitter, 2021).

Em (20), com “bater um papo” o usuário expressa o desejo de conversar com amigas verdadeiras; em (21), “bater um bom papo” revela o tipo de conversa que o falante gostaria de ter, ou seja, uma conversa boa, agradável. Os casos em (22) e em (23), por sua vez, também evidenciam o tipo de conversa que o falante deseja ter e, para marcar isso, ele usa “papinho” e “papo cabeça”, que correspondem, respectivamente, a uma “curta conversa” e “uma conversa séria sobre um assunto em comum”. Por fim, em (24), “bater uns papo” denota que a conversa será sobre vários assuntos.

Tendo em vista os dados analisados, podemos dizer que a construção “Bater + X” compõe padrões de uso que se diferenciam em relação às propriedades de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade. Observamos que, quando menos esquemática, a construção se comporta de modo mais fechado, quando mais esquemática, de modo mais aberto; quando mais composicional, demonstra certa transparência semântica entre a forma e o sentido, quando menos composicional, evidencia opacidade semântica, indicando que o sentido só pode ser compreendido a partir da unidade estabelecida. Quanto à produtividade, o total de *tokens* (351) e o total de *types* (121) atestam que a construção “Bater + X” sanciona padrões que variam quanto ao grau de rotinização/convencionalização.

Considerações finais

Da investigação realizada, podemos dizer que os usos do verbo “bater” evidenciam uma expansão de sua transitividade e de seu sentido. De sua função original, verbo transitivo, de valor concreto, que implica o atrito ou choque com algo/alguém, o verbo “bater”, com os novos usos, expande suas propriedades. Nos termos de Himmelmann (2004), trata-se de uma expansão *host-class*, ou expansão da classe hospedeira, em que o verbo passa a ser recrutado com outros constituintes e, conseqüentemente, a desempenhar novas funções e novos sentidos.

Para captar essa expansão, foi importante o conceito de construção, conforme preconizado pela Gramática de Construção: pareamento de forma e de sentido. Como vimos em nossa amostra, embora os padrões de uso se diferenciem em termos de organização interna (mais fechado; mais aberto; mais entrincheirado, menos entrincheirado), os sentidos só puderam ser captados levando em conta a unidade estabelecida pelo verbo e pelo constituinte imediatamente posposto a ele.

Reconhecemos, portanto, a importância da abordagem construcional para a descrição e a análise de padrões produzidos e recebidos como uma unidade de forma e sentido, padrões de uso linguístico que emergem e se convencionalizam no e pelo uso da língua, como os que são instanciados por “Bater X”.

Referências

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: Brian D. Joseph; Richard D. Janda (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W; HILMELMANN, N; WIEMER, B. *What Makes Grammaticalization: A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021 [2013].

Recebido em: 15/07/2022.

Aceito em: 09/08/2022.